

QUEM NÃO COME...

*** Roberto Rodrigues**

Quando meus filhos eram crianças, sempre que acontecia algum probleminha de saúde com um deles, corríamos a Ribeirão Preto para falar com o pediatra, que acabou se tornando um bom e querido amigo: pudera, com 4 crianças criadas na roça, sempre tinha uma com algum encanamento estragado, ora nariz, ora garganta, ora ouvidos, ora os dutos digestivos, de modo que a frequência nas idas para a cidade era alta.

Numa destas vezes, estava muito preocupado porque um filho não comia nada, chorava para comer, não havia "aviãozinho" que o convencesse a abrir a boca, muito magrinho, rejeitava tudo. Consultado, o médico disse uma frase que nunca mais esqueci: "quem não come, ou comeu ou comerá"...

Hoje, olhando para o céu há meses em busca de nuvens promissoras, lembro sempre de parodiá-lo, pensando que, se não chove, ou choveu ou choverá.

Mas não tem adiantado, vivemos uma seca tenebrosa, com déficit hídrico desde janeiro. E seus efeitos serão sentidos no ano que vem e até 2016, com quebra na produtividade da cana e de outras culturas.

Some-se o aumento dos custos de produção e os preços baixos de cana, etanol e açúcar, e tem-se um quadro bastante negativo em toda a cadeia produtiva sucroenergética. Já se sabe que as dívidas somadas das usinas processadoras equivalem a uma safra industrial inteira, que dezenas de usinas estão paradas e muitas em recuperação judicial, que os milhares de fornecedores de cana estão muito mal das pernas, que a indústria de equipamentos para usinas e lavouras está quase quebrada, que os municípios canavieiros, outrora líderes em renda per capita estão na bancarrota, e que a situação é desesperadora para grande parte dos agentes desta importante cadeia produtiva responsável por 44% do PIB do agronegócio paulista e 9% do nacional.

Também é sabido que boa parte desta situação se deve à política econômica do atual governo federal que escolheu combater a inflação segurando os preços da gasolina, acabando com a competitividade do etanol.

Todo mundo sabe disso, inclusive o governo, ao qual o setor já entregou vários documentos solicitando a clara definição da matriz energética brasileira e o papel da agroenergia nela, em busca de uma estratégia para o futuro. Medidas de pouco efeito na renda dos produtores foram tomadas recentemente pelo governo, mas agora há uma grande novidade: em conversas com Ministros, tenho ouvido um sentimento de culpa, um reconhecimento de que este foi um setor realmente prejudicado pelas políticas executadas - ou a falta delas - e que é chegado o momento de corrigir os erros cometidos que, além de deixar de joelhos um promissor segmento de nossa economia agroindustrial, levou junto a Petrobrás... E há sinais animadores de que algumas decisões poderão ser tomadas ainda durante o atual mandato. Entre elas, um possível reajuste escalonado dos preços da gasolina, que aliás já vem sendo anunciado há algum tempo pela área econômica, e até a volta da CIDE, tributo sobre a

gasolina que compensa as externalidades não monetizáveis do etanol e que são altamente positivas para toda a sociedade.

Se isso acontecer, estaremos diante de uma estupenda retomada da agroindústria, que espera este sinal para promover uma verdadeira revolução tecnológica que começará no campo, com variedades de cana muito mais produtivas e novos métodos de plantio com a MPB - muda pré-brotada - ou "sementes" de cana que reduzirão custos e aumentarão a produtividade e a competitividade. Quem sobreviver verá que quem não tem lucro, ou teve ou terá...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**